



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE PORTO NACIONAL CURSO
DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

PATRICIA DE SENA RODRIGUES PEREIRA

**MULHERES NA INFORMALIDADE: ESTUDO QUALI-QUANTITATIVO EM
SANTA ROSA/TOCANTINS**

**PORTO NACIONAL/TO
2022**

PATRICIA DE SENA RODRIGUES PEREIRA

**MULHERES NA INFORMALIDADE: ESTUDO QUALI-QUANTITATIVO EM
SANTA ROSA/TO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à UFT - Universidade Federal
do Tocantins - Campus Universitário de
Porto Nacional, para obtenção do título de
bacharela em Ciências Sociais.

Orientadora: Ma. Bruna de Oliveira

PORTO NACIONAL/TO
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- P436m Pereira, Patricia de Sena Rodrigues.
Mulheres na informalidade: estudo quali-quantitativo em santa rosa/to. /
Patricia de Sena Rodrigues Pereira. – Porto Nacional, TO, 2022.
29 f.
- Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Porto Nacional - Curso de Ciências Sociais, 2022.
Orientador: Bruna de Oliveira
1. Informalidade. 2. Mulheres. 3. Santa Rosa do Tocantins. 4. Agricultura
Familiar. I. Título

CDD 300

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

RESUMO

A proposta deste trabalho fundamenta-se no pensamento de Karl Marx e Paul Singer sobre capitalismo, precarização do trabalho e as relações informais. Seguindo uma abordagem quali- quantitativa, aplicou-se um formulário junto a uma amostra de 20 mulheres, que atuam na informalidade no município de Santa Rosa do Tocantins e complementou-se o estudo com a observação-participante. Os dados coletados são inéditos e atuais, pois não há estudos no referido município sobre a temática. Para obtenção de tais dados foi realizada uma pesquisa de campo no período de 16 de julho a 16 de novembro de 2022. Os resultados mostram que 55% das mulheres pesquisadas se autodeclaram negras, possuem baixo ou nenhum nível de escolaridade e estão na faixa de 46 a 55 anos de idade. Percebe-se que tais mulheres têm uma rotina marcada por diversas atividades, são esposas, mães, trabalham dentro e fora de casa. Esse olhar específico traz a reflexão sobre o cenário de vida de muitas mulheres no Tocantins e a importância de se desenvolver políticas públicas para as trabalhadoras rurais.

Palavras-chave: Informalidade; Mulheres; Santa Rosa do Tocantins; Agricultura Familiar.

ABSTRACT

The purpose of this work is based on the thought of Karl Marx and Paul Singer on capitalism, precarious work and informal relationships. Following a quali-quantitative approach, a form was applied to a sample of 20 women who work informally in the municipality of Santa Rosa do Tocantins and the study was complemented with participant observation. The collected data are unpublished and current, as there are no studies in that municipality on the subject. In order to obtain such data, a field survey was carried out from July 16 to November 16, 2022. The results show that 55% of the women surveyed declared themselves to be black, had a low or no level of education and were aged between 46 and over. to 55 years old. It is noticed that these women have a routine marked by various activities, they are wives, mothers, work inside and outside the home. This specific look brings reflection on the life scenario of many women in Tocantins and the importance of developing public policies for rural workers.

Keywords: Informality; Women; Santa Rosa do Tocantins; Family farming.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 O CAPITALISMO NA VISAO DE KARL MARX E A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO.....	9
3 PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO, EXCLUSAO SOCIAL E INFORMALIDADE .	12
4 PANORAMA DO MERCADO DE TRABALHO INFORMAL NO TOCANTINS	14
5 METODOLOGIA	16
6 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	17
6.1 Análise quantitativa	17
6.2 analise qualitativa	24
REFERÊNCIAS.....	27
ANEXO A- QUESTIONÁRIO	28

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, o número de trabalhadores que estão na informalidade é relativamente grande. Segundo dados do IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a informalidade no mercado de trabalho atingiu 36% dos trabalhadores do país em 2022, ou seja, cerca de 39 milhões de pessoas trabalham por conta própria.

No estado do Tocantins, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2022), a informalidade atingiu 42% dos trabalhadores em novembro de 2022. Para chegar nesses cálculos são consideradas as seguintes populações: empregado no setor privado sem carteira de trabalho assinada; empregado doméstico sem carteira de trabalho assinada; empregador sem registro no CNPJ; trabalhador por conta própria sem registro no CNPJ e trabalhador familiar auxiliar.

O município foco desta pesquisa, Santa Rosa do Tocantins originou-se de uma fazenda de engenho de origem africana que fixou na região por volta de 1880, trazendo consigo vários escravos. A Lei Estadual nº 10.418, de 1º de janeiro de 1988, deu emancipação político-administrativa ao Distrito de Santa Rosa, desmembrado do município de Natividade.

Localizado a 169 km da capital, Palmas, possui uma população estimada de 4.864 habitantes (IBGE, 2021). A economia local é baseada na plantação de soja, milho, agropecuária com criadores de gado e pequenos produtores locais, logo, no ramo da agricultura familiar. Diante desse cenário, surge este estudo, que parte da questão: por que há mulheres na informalidade, em Santa Rosa/Tocantins, comercializando produtos da agricultura familiar? De outro modo, por qual motivo as mulheres estão se tornando vendedoras de porta em porta, em vias públicas e em feiras livres?

O objetivo geral é compreender as causas do trabalho informal de mulheres de 45 a 55 anos no ramo do comércio ambulante de mercadorias alimentícias no município de Santa Rosa/Tocantins. Os objetivos específicos são:

* Definir a concepção de trabalho informal;

Buscar identificar em Santa Rosa/Tocantins o público alvo da pesquisa, portanto as mulheres de 45 a 55 anos que trabalham com comércio ambulante de mercadorias alimentícias na informalidade;

* Compreender as características das mulheres comerciantes ambulantes.

Este estudo sobre mulheres no mercado informal na cidade de Santa Rosa do Tocantins tem uma relevância pessoal, pois enquanto autora me encontro atuando na

informalidade no ramo de alimentação. Além disso, pelo fato de não haver estudos específicos sobre o tema nessa região, os dados obtidos são inéditos e atuais. Tais dados podem trazer o olhar dos governantes para a criação de políticas de emprego e renda para essas mulheres. Portanto, este trabalho traz uma contribuição científica e social.

2 O CAPITALISMO NA VISÃO DE KARL MARX E A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

O século XVI marca o nascimento do capitalismo, um sistema econômico baseado na produção do indivíduo, livre iniciativa, especialização da produção, com um mínimo de interferência do Estado na economia. Adam Smith, um dos grandes defensores da liberdade econômica, ao desenvolver sua teoria do bem-estar econômico acreditava que a felicidade das pessoas estava relacionada à satisfação de suas necessidades e desejos. A compra de mercadorias e serviços seria uma forma de satisfazer essas necessidades e desejos, proporcionando uma melhoria no bem-estar. Assim, todo homem deveria ser livre para buscar seus próprios interesses, sem intervenção do governo nas relações de troca entre as pessoas (SMITH, 1988).

O citado autor acreditava que com a divisão do trabalho, os trabalhadores se especializariam em determinadas atividades e com a ajuda das máquinas haveria redução dos custos e aumento na produção. Com isso, o capitalista acumularia mais lucros e investiria em novas instalações, contratando mais pessoas, produzindo mais, vendendo mais e acumulando mais (Idem, 1988).

Crítico do liberalismo econômico de Smith, para Karl Marx (1985) as sociedades capitalistas são desiguais, pois produzem divisão de classes. De um lado, estão os capitalistas, que possuem os meios de produção, e do outro, os trabalhadores que não possuem qualquer meio de produção, tendo como única opção para sobrevivência vender sua força de trabalho como uma mercadoria.

Segundo Marx (2004), o desejo do capitalista é produzir mais-valia/lucro e para obtê-la é necessário que o valor da mercadoria produzida seja mais elevado que o valor dos custos de produção. Dessa forma o capitalista utiliza como estratégia aumentar a jornada de trabalho do trabalhador e, as horas trabalhadas não pagas ao trabalhador representam componente importante do lucro do capitalista.

Nessa relação, o capitalista explora o trabalhador, pagando um salário de subsistência. Em outros termos, a exploração do trabalhador gera os extraordinários lucros que enriquecem os patrões. Ao se referir ao capitalista, Hunt (2013) afirma: “O processo incansável e interminável de obtenção de lucros é a única coisa que o capitalista

quer. Essa ânsia ilimitada por riqueza, essa busca apaixonada de valor de troca é comum ao capitalista.”

“Essa era, então, a característica que definia o capitalismo, que o diferenciava de uma simples sociedade de produção de mercadorias. O capitalismo existia quando, em uma sociedade que produzia mercadorias, uma pequena classe de pessoas – os capitalistas – tinham monopolizado os meios de produção e na qual a grande maioria dos produtores diretos – os operários – não podia produzir independentemente, por não eles qualquer meio de produção. Os operários eram livres para fazer uma destas escolhas: morrer de fome ou vender sua força de trabalho como mercadoria” (HUNT, 2013, p. 206).

De acordo com Macêdo (2018) a busca do capitalista será, invariavelmente, pelo lucro e acumulação e o aumento dessa acumulação gerada pelo trabalhador implica, necessariamente, no agravamento de suas condições, em outras palavras, a acumulação de capital é proporcional à acumulação da miséria.

Para Marx (2004), o processo de trabalho no contexto capitalista é marcado por dois fenômenos peculiares. O primeiro constitui-se no fato de que o trabalhador exerce sua atividade sob o rigoroso controle do capitalista, que espera que os meios de produção e os instrumentos sejam utilizados de forma a atender às necessidades do processo de valorização e acumulação do capital. O segundo fator é que, apesar de o trabalhador ser o produtor direto de seu produto, este não lhe pertence, sendo propriedade do capitalista. O que o trabalhador receberá é o valor referente aos dias de uso de sua força de trabalho. Constata-se que a força de trabalho é vendida como qualquer outra mercadoria e “o processo de trabalho é um processo entre coisas que o capitalista comprou, entre coisas que lhe pertencem” (MARX, 2004, p. 48).

Macêdo (2018) aborda com clareza a ideia da precarização do trabalho. Segundo a autora, o lucro do capitalista é obtido na produção do produto, e não na venda. Isso significa que quanto mais os trabalhadores produzirem, maior será a riqueza gerada ao (patrão) capitalista. Lembrando que “acumular capital é, portanto, aumentar o proletariado” (MARX, 2009, p. 717).

O surgimento do capitalismo trouxe a substituição do trabalho manual por máquinas, fazendo existir sempre mão de obra disponível. Portanto, trouxe o crescente desemprego. E para satisfazer suas necessidades de sobrevivência, os desempregados se dispõem a vender sua mão de obra por baixos valores, fenômeno que pressiona os salários a

se manterem baixos, afinal sempre haverá alguém disposto a recebê-lo.

Segundo Marx, "o trabalho excessivo da parte empregada da classe trabalhadora engrossa as fileiras do chamado exército de reserva" (MARX, 2009, p. 739-740). Assim o sistema capitalista força uma parte da população à ociosidade, enquanto a outra parte é forçada ao trabalho excessivo. Marx chama a atenção para essa contradição do capitalismo, pois, enquanto muitos estão desempregados, os trabalhadores da grande indústria chegam a ter menor duração de vida em razão da excessiva exploração, e a classe burguesa, que é privilegiada, além de viver com mais qualidade, vive mais tempo.

No sistema capitalista os proletários trabalham para os burgueses e recebem um salário em troca de sua força de trabalho. O trabalho assalariado no capitalismo é fundamental para a manutenção do sistema, afinal é com o salário que os trabalhadores compram bens e serviços e garantem o funcionamento do sistema.

Deste modo o mercado de trabalho capitalista é excludente. Não há emprego para todos; a relação é de dominação e exploração dos detentores dos meios de produção (burgueses/ricos) sobre os (proletários/pobres). Com base nisso, pode-se dizer que o sistema capitalista é desumano com a classe trabalhadora, pois não basta ter quantidade suficiente de trabalhadores para vender sua força de trabalho; é necessária a existência de uma parcela da população sobrando, que esteja disponível para compor esse exército de desempregados, que não será absorvido pelo sistema. É válido destacar que, se a existência de uma massa de desempregados representa algo positivo e funcional para o capital, para a classe trabalhadora suas consequências são negativas. Quanto mais cresce a riqueza produzida pelo trabalhador, maior tende a ser o número de desempregados.

3 PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO, EXCLUSÃO SOCIAL E INFORMALIDADE

Desde a década de 1990 vivenciamos avanços nos transportes, nos meios de comunicação e outras tecnologias que ampliaram a interação entre os países, numa dinâmica global. A expansão das atividades econômicas e a substituição do trabalho do homem por máquinas¹ trouxe aumento da competitividade entre as empresas e desemprego, levando, conseqüentemente, à exclusão de milhares de pessoas.

A terceira revolução industrial tem afetado profundamente os processos de trabalho e expulsado do emprego milhões de pessoas (SINGER, 1999, p. 18). A globalização, a precarização do trabalho, o crescimento do exército de reserva e a intensificação da exclusão são efeitos da fase atual do capitalismo que abriram espaço para a economia informal.

“A precarização do trabalho inclui tanto a exclusão de uma crescente massa de trabalhadores do gozo de seus direitos legais como a consolidação de um ponderável exército de reserva e o agravamento de suas condições.... Nesta situação, os trabalhadores por conta própria tendem a trabalhar cada vez mais, na ânsia de ganhar o suficiente para sustentar o padrão usual de vida” (SINGER, 1999, p. 18).

Para Singer (1999), estão surgindo postos de trabalho que não possuem compensação legal e garantias. São “ocupações por conta própria”, são pessoas que perderam seus empregos para robôs e não conseguiram se profissionalizar para atender às novas demandas do mercado de trabalho flexível. (SINGER, 1999, p. 15).

¹ Singer (1999), em sua obra “Globalização e desemprego diagnósticos e alternativas” fala sobre as conseqüências das revoluções industriais. Segundo o autor, todas as revoluções acarretaram em aumento da produtividade e causaram desempregos tecnológico, no entanto a terceira foi a responsável por acelerar o aumento da produtividade do trabalho, tanto na indústria como em numerosos serviços.

Ainda na percepção de Singer (1999), o mercado informal está relacionado à precarização do trabalho formal e à exclusão da mão de obra. A precarização do trabalho acarreta numa economia cada vez mais desigual, dando formas às relações informais. Nos ditos do autor “melhor que usar a palavra desemprego, precarização do trabalho descreve adequadamente o que está ocorrendo” (SINGER, 1999, p. 24).

A precarização do trabalho divide o trabalho de forma cada vez mais desigual, pois uma parte dos trabalhadores trabalha cada vez mais, sem remuneração proporcional, e outra parte deixa de trabalhar. O resultado é a manutenção ou elevação do exército de reserva, em outras palavras, dos desempregados, que mantêm os salários no nível de sobrevivência. Esse fato é visualizado nas ruas das cidades brasileiras, por meio de pessoas que se tornam vendedores ambulantes de produtos ou serviços.

Matsuo (2009) aborda no seu programa de pós-graduação em Sociologia pela Universidade de São Paulo o conceito de trabalho informal baseado numa abordagem que situa a economia informal como produto e parte integrante do próprio desenvolvimento capitalista. Para a autora, o trabalho informal é uma forma de sobrevivência frente a perda de uma ocupação formal. “O trabalho informal é considerado como um desdobramento do excedente de mão de obra, com ocupações no setor não organizado do mercado de trabalho (desemprego invisível)” (MATSUO, 2009, p.7).

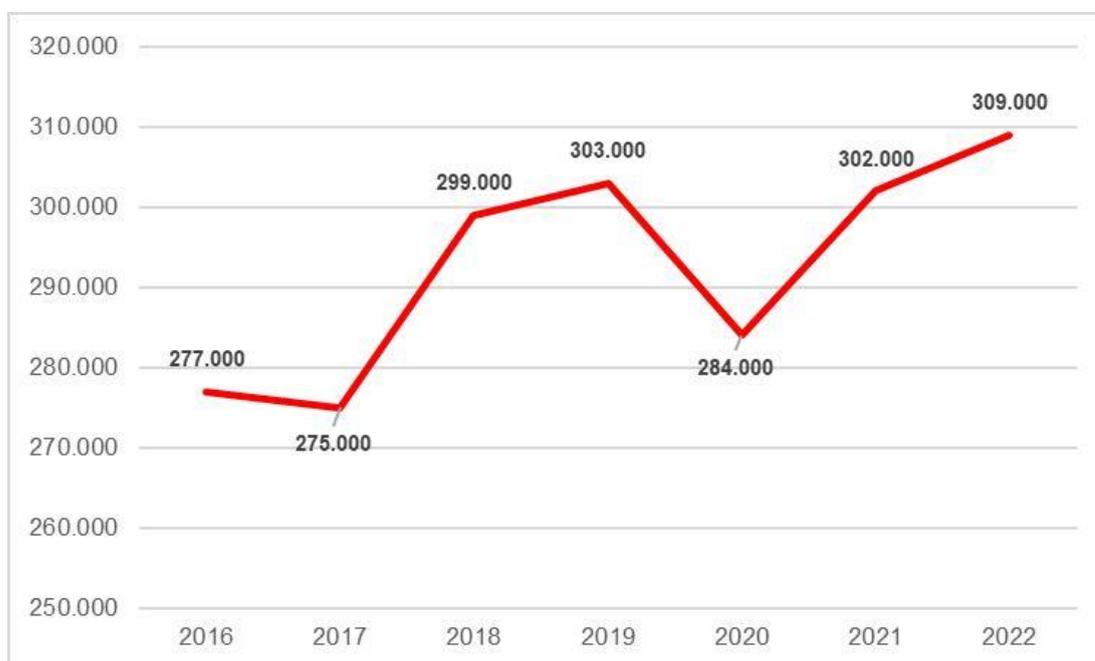
Ainda segundo a autora, o tema da informalidade costuma estar relacionado principalmente com as questões do desemprego. As formas de resistência no trabalho informal ocorrem a partir da construção de redes sociais formada por parentes e amigos. Os laços de solidariedade e de confiança na interação social são fundamentais para o desempenho na atividade e permanência na informalidade.

No Brasil, como em outros países em desenvolvimento, uma boa parte da população ocupada está no trabalho do tipo informal e não regulamentado. Nessa situação encontramos relações autoritárias, prevalecendo a precarização do trabalho, a falta de segurança, assistência médica de péssima qualidade, a pobreza, a fome e a exploração. Os trabalhadores informais e não regulamentados podem ser considerados como parte de uma zona de exclusão (MATSUO, 2009, p.13).

4 PANORAMA DO MERCADO DE TRABALHO INFORMAL NO TOCANTINS

No Tocantins não é diferente do Brasil. A recente trajetória do mercado de trabalho informal no Tocantins mostra oscilações que acompanham o cenário nacional (ver gráfico 1). De 2016 a 2017 o estado vivenciou a redução no número de trabalhadores informais, com 275 mil, enquanto em 2019 teve seu pico, com 303 mil (IBGE, 2022). Os dados levam em consideração os trabalhadores do setor privado e domésticos sem carteira assinada, empregadores sem registro no CNPJ, autônomos sem CNPJ e aqueles que são trabalhadores familiares auxiliares.

Grafico1- Evolução da informalidade no Tocantins (2016 a 2022)



Fonte: IBGE, 2022

É importante apontar que a forte queda na informalidade de 2019 para 2020 foi devido à pandemia da Covid-19 que resultou num longo período de isolamento social, impactando na economia e na circulação de pessoas. Logo, impossibilitou ambulantes, faxineiras, prestadores de serviço por conta própria, vendedores de porta em porta de comercializarem suas mercadorias e serviços.

A estimativa do IBGE é que no Tocantins em novembro de 2022 existiam cerca de 1.271.000 pessoas em idade de trabalhar, mas somente 783.000 estavam trabalhando. Portanto, como está no quadro 1, 60% dos trabalhadores estão vinculados formalmente e 40% estão fora desse mundo do trabalho formal (IBGE, 2022).

Quadro 1 - Força de trabalho no Tocantins/nov/2022

	Quantidade	Percentual
Pessoas com trabalho formal	783 mil	60%
Pessoas na informalidade	309 mil	24%
Pessoas sem emprego	178 mil	16%
Pessoas em idade de trabalhar	1.270 mil	100%

Fonte: PNAD/IBGE, 2022.

Dos 40% que estão fora do mundo do trabalho formal, 24% (um total de 309.000) são trabalhadores informais e 16% poderiam estar trabalhando, mas estão sem emprego (IBGE,2022).

5 METODOLOGIA

Para atingir o objetivo de averiguar por que mulheres de 45 a 55 anos estão trabalhando como vendedoras informais de produtos advindos da agricultura familiar em Santa Rosa/Tocantins, este é um estudo que segue uma abordagem quali- quantitativa. De acordo com Gil (2002), a aplicação da metodologia quantitativa é útil quando o propósito é traduzir em números as opiniões de determinado grupo de indivíduos. Já a metodologia qualitativa é relevante pois seu enfoque pode ser pensado como um conjunto de interpretações que tornam o mundo visível.

Para a etapa quantitativa, inicialmente foi realizada a coleta de dados secundários sobre o mercado de trabalho no Tocantins. Os dados foram obtidos por meio de consultas ao banco da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O propósito foi ter uma visão geral da informalidade no estado.

Na fase seguinte, procedeu-se à pesquisa de campo, tendo como local de estudo o município de Santa Rosa, no Tocantins, mais especificamente as feiras livres nos domicílios das trabalhadoras informais. Definiu-se que a amostra a ser pesquisada seria de 20 mulheres. Elaborou-se um formulário de 13 questões objetivas. A coleta de dados ocorreu no período compreendido entre julho e outubro de 2022. Os dados recolhidos nesta pesquisa foram organizados e tratados utilizando a tecnologia Google Formulário.

A etapa qualitativa consistiu na aplicação do método de observação- participante com a intenção de compreender em profundidade as vivências das trabalhadoras informais do município. Como ressalta Queiroz et al (2007, p. 277) a observação possibilita conhecer e compreender os acontecimentos, as situações, as pessoas, etc. Nas palavras dos autores “Observar é aplicar os sentidos a fim de obter uma determinada informação sobre algum aspecto da realidade”. Isso significa que o pesquisador não apenas olha para o que está acontecendo, “mas observa com um olho treinado em busca de certos acontecimentos específicos”.

Os métodos quantitativo e qualitativo estão sendo trabalhados conjuntamente nesse estudo, pois considera-se que um complementa o outro.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

6.1 Análise quantitativa

A aplicação dos formulários junto a uma amostra de trabalhadoras que vivem na informalidade vendendo alimentos como pimenta, abóbora, quiabo, cheiro verde, leite, frango caipira, farinha de mandioca, milho, pepino, jiló, requeijão e outros, todos produzidos pela agricultura familiar em Santa Rosa do Tocantins, coletou os dados que foram agrupados e são apresentados na sequência. O gráfico 2 permite entender qual a faixa de idade das trabalhadoras informais desse setor no município.



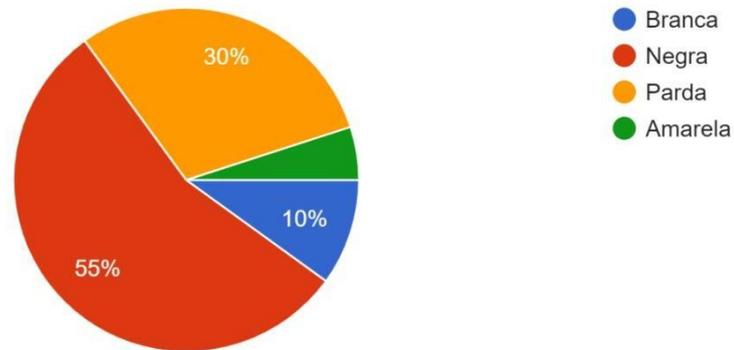
Fonte: Pesquisa de campo, 2022.

Verifica-se pelos dados que há uma desigualdade de idade entre as mulheres que atuam no mercado de trabalho informal em Santa Rosa. Aquelas que são mais jovens e mais velhas possuem menor participação. Aqueles de idade média entre 45 e 56 anos representam a maioria desse contingente de trabalhadoras.

Gráfico 3 - Autodeclaração de cor das mulheres pesquisadas

Qual sua cor?

20 respostas



Fonte: Pesquisa de campo, 2022.

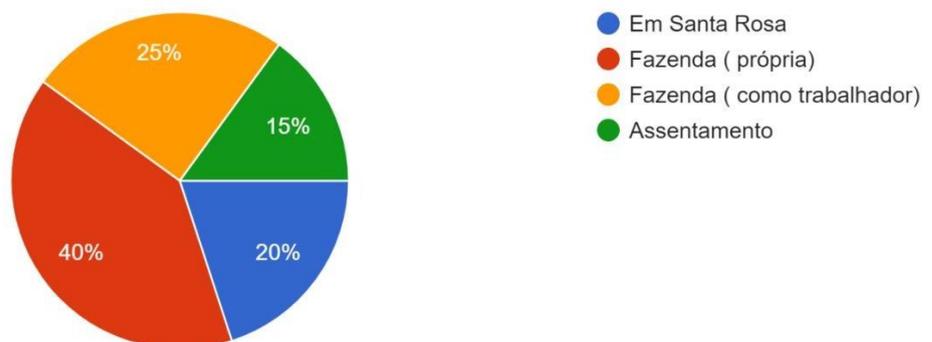
Tem-se pelo gráfico 3, que traz como as participantes da pesquisa se autodeclaram quanto à cor, que predominam negras (55%) e pardas (30%) no mercado de trabalho informal de produtos oriundos da agricultura familiar em Santa Rosa do Tocantins, A cidade originou-se de uma fazenda de engenho de origem africana, fato que pode explicar os dados mostrados no gráfico acima.

Na sequência, tem-se os resultados encontrados para o tipo de residência em que vivem as mulheres que participaram desse estudo.

Gráfico 4 - Tipo de residência das trabalhadoras informais

Onde você reside?

20 respostas



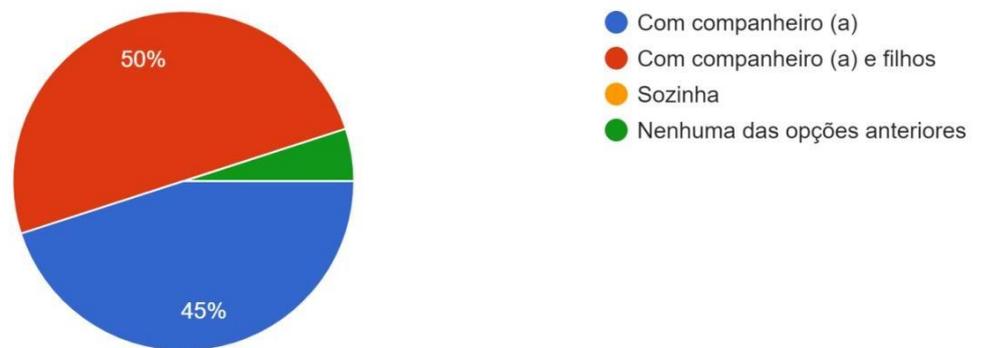
Fonte: Pesquisa de campo, 2022.

65% das mulheres moram na fazenda, seja própria ou como trabalhadora. Este é um dado importante, pois essas mulheres estão trabalhando na terra, plantando, colhendo e vendendo seus produtos. Isto acaba sendo uma alternativa para aumentar a renda. E com quem vivem? O gráfico 5 mostra que metade dessas mulheres moram com seus companheiros e filhos e 45% moram apenas com companheiros.

Gráfico 5 - com quem residem as mulheres pesquisadas

Com quem você reside?

20 respostas



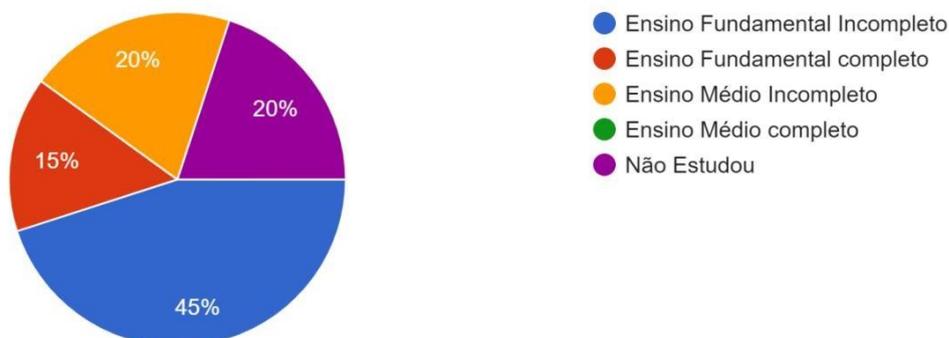
Fonte: Pesquisa de campo, 2022.

Mulheres casadas e com filhos têm dificuldade com horários, este é um fato relevante para explicar tantas mulheres no trabalho informal. Cuidar de filhos, marido e casa exige muito tempo e aquelas mulheres que precisam conciliar essas atividades com o trabalho fora, ficam sobrecarregadas. Segundo Theodoro e Scorzafave (2011, p. 95) “as mulheres casadas e com filhos são as que apresentam maior taxa de informalidade”.

Gráfico 6 - Nível de escolaridade

Você estudou ate:

20 respostas



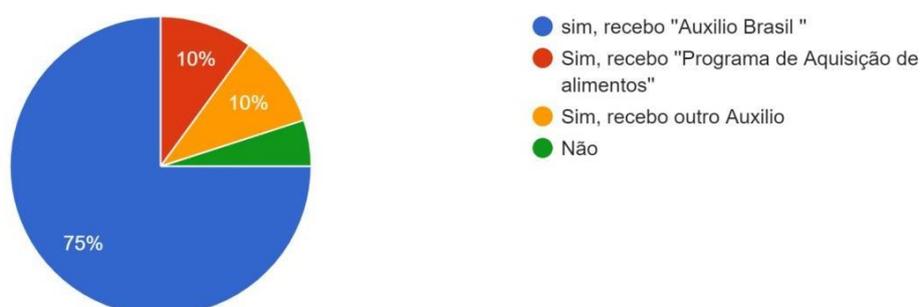
Fonte: Pesquisa de campo, 2022.

O gráfico 6 indica o nível de escolaridade das mulheres que participaram desse estudo. Chama atenção os seguintes dados: 20% nunca estudaram, apenas 15% conseguiram concluir o ensino fundamental e nenhuma das participantes concluiu o ensino médio. Estudo realizado por Cerqueira e Pizzio (2012) sobre o mercado de trabalho informal em Palmas, capital do Tocantins, apontou que no mercado de trabalho informal, o sucesso na inserção não está relacionado à alta escolaridade. O fator determinante quase sempre é a experiência. Não a experiência relacionada ao estudo, mas sim a prática e ao desempenho”. Isso pode explicar o porquê de as mulheres estarem em atividades domésticas, pois esse tipo de atividade é baseado na experiência.

Gráfico 7 - Recebimento de benefícios sociais

Você recebe algum auxílio ou benefício social?

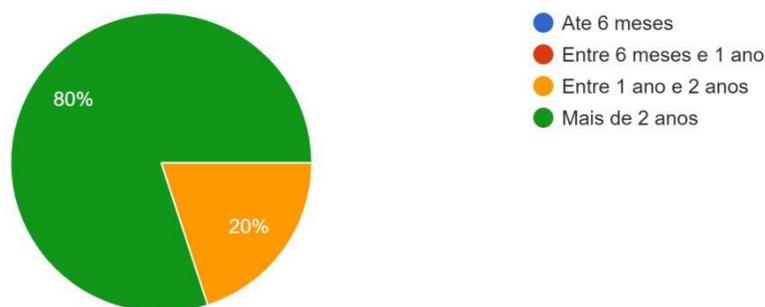
20 respostas



Fonte: Pesquisa de campo, 2022.

Quem trabalha na informalidade não tem renda fixa, e no caso da maioria das mulheres de Santa Rosa que produzem e vendem produtos da agricultura familiar, pouco instruídas formalmente e estão numa faixa de idade não atrativa às demandas do mercado de trabalho formal, há dependência de benefícios do governo, como o Auxílio Brasil. Pelo gráfico 7 observa-se que 75% das mulheres pesquisadas recebem o auxílio Brasil. Os auxílios são essenciais para a sobrevivência dessas famílias.

Gráfico 8 - Tempo de trabalho na informalidade
Esta trabalhando na informalidade a quanto tempo?
20 respostas



Fonte: Pesquisa de campo, 2022.

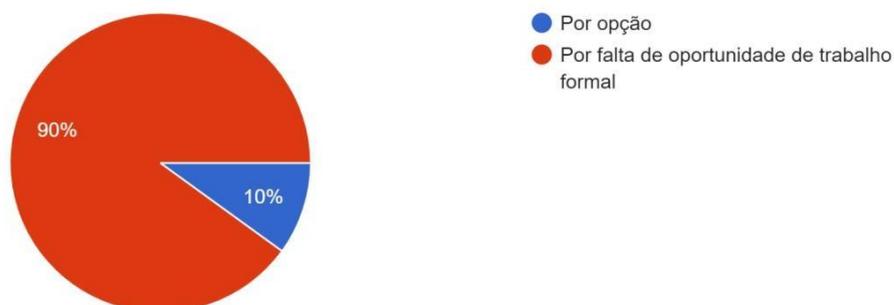
Destaca-se que 80% das mulheres estão na informalidade há mais de 2 anos. Essas trabalhadoras informais realizam atividades de produção e venda de produtos agrícolas com o objetivo de obter renda para consumo individual e para o sustento da família.

Mais de 2 anos na informalidade, levando em consideração a idade dessas mulheres pesquisadas, leva a refletir sobre a possibilidade de que essas mulheres possam nunca ter trabalhado formalmente. Este é o cenário da vida de boa parte das mulheres rurais em Santa Rosa.

Gráfico 9 - Motivo de estar na informalidade

Esta na informalidade por opção ou falta de oportunidade de trabalho formal (com carteira assinada)

20 respostas



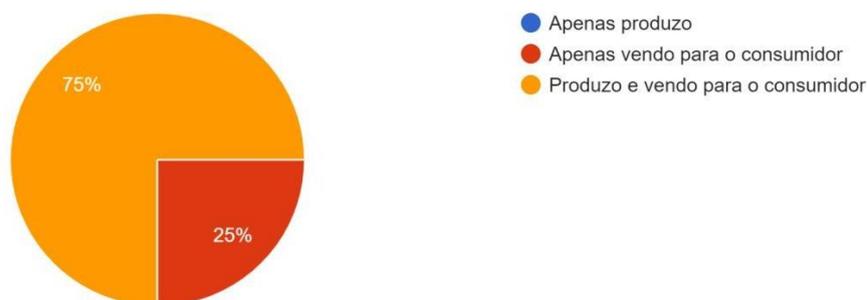
Fonte: Pesquisa de campo, 2022.

Quando a pergunta é se estão no trabalho informal por opção, apenas 10% responderam que sim, um número muito baixo. Já 90% disseram que estão por falta de oportunidade de trabalho formal. Com base nessas respostas, percebe-se que falta emprego formal para essas trabalhadoras.

Gráfico 10 - com relação aos produtos

Sobre seus produtos:

20 respostas



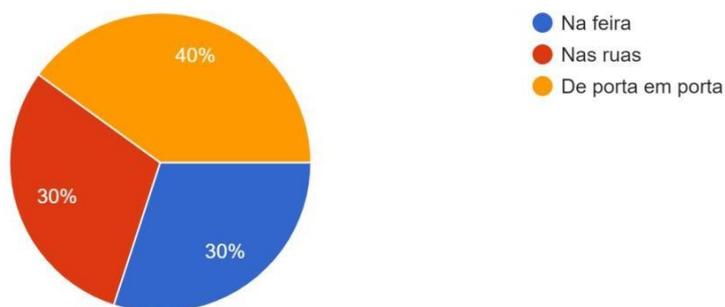
Fonte: Pesquisa de campo, 2022.

Vemos no gráfico 10 características de trabalho artesanal, visto que 75% das trabalhadoras produzem e vendem seus produtos diretamente ao consumidor final. Esse tipo de trabalho não gera lucros que possibilitam o enriquecimento, como acontece no trabalho em série, em que há especialização das atividades, então como apontou Marx (1985) e Singer (1999), continuarão trabalhando em condições precárias e a tendência é permanecerem na informalidade.

Gráfico 11 - Local de comercialização dos produtos

Onde você vende seus produtos?

20 respostas



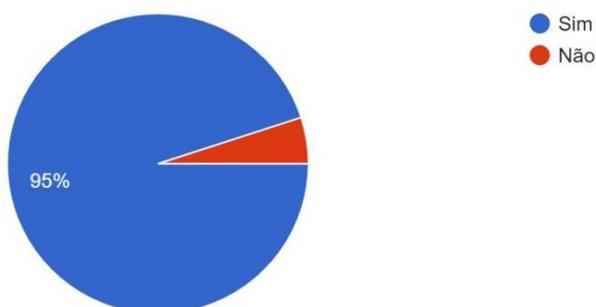
Fonte: Pesquisa de campo, 2022.

Como mostra o gráfico 11, com relação ao ambiente que essas trabalhadoras vendem seus produtos, 40% vão de porta em porta. Como ouvi das mesmas "já tenho meus clientes; muitas vezes vou na cidade só fazer as entregas". Cerca de 30% atuam nas feiras e outras 30% nas vias públicas. Essas são mulheres que não tem espaço na feira da cidade.

Gráfico 12 - Direitos trabalhistas

Se recebesse uma proposta de trabalho formal, para receber R\$ 1.212,00 você aceitaria?

20 respostas



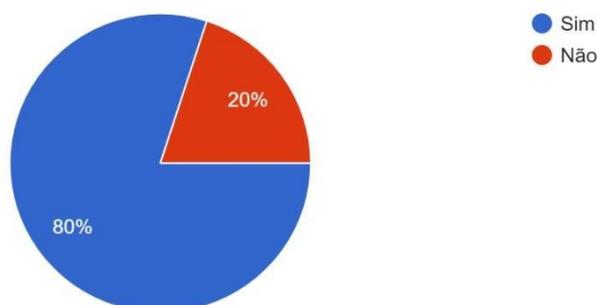
Fonte: Pesquisa de campo, 2022.

Observa-se que 95% das mulheres estão dispostas a trabalhar na formalidade, caso recebam ou encontrem uma oportunidade. Esse dado expressivo leva a acreditar que a vida na informalidade não tem sido vantajosa. A remuneração dessas mulheres é menor do que o salário mínimo de 1.212,00 (vigente em 2022), e o trabalho cansativo e sem garantias trabalhistas.

Gráfico 13- Direitos trabalhistas

Você sabia que o trabalhador informal no Brasil não tem direitos trabalhistas como aposentadoria, licença maternidade, seguro desemprego, FGTS, férias renumeradas dentre outros?

20 respostas



Fonte: pesquisa de campo, 2022

Com relação aos direitos trabalhistas, percebe-se que a maioria dessas mulheres sabem que perdem vários direitos. Cerca de 80% estão cientes que serão prejudicadas por estarem no mercado de trabalho informal, pois esse tipo de trabalho não oferece garantias. Há um quantitativo de 20% que nem sequer sabe quais os direitos trabalhistas daquele que está na formalidade.

6.2 análise qualitativa

Nesse estudo, como apresentado na metodologia, os resultados quantitativos foram complementados pela análise qualitativa, por meio de observação participante. Enquanto pesquisadora, quando estive na presença dessas mulheres, pude observar suas expressões e comportamentos.

Ao adentrar aos domicílios percebi que as mulheres estavam sempre realizando alguma atividade doméstica ou no preparo dos produtos a serem vendidos. Notei que haviam várias semelhanças entre elas. O rosto demonstrava cansaço, marcas de expressão deixadas pelo sol juntamente com o excesso de fumaça causada pelo fogão caipira; as unhas eram bem curtinhas, sem esmalte; o cabelo preso ao meio da cabeça, algumas estavam sempre com lenço amarrado sobre a cabeça.

Porém tinha um fato curioso, elas sempre estavam otimistas e com sorriso no rosto durante nossas conversas. Aquela vida não parecia fácil, ou meu ver, mas de tanto que elas realizam essas atividades, que estavam acostumadas, pareciam tarefas simples do dia a dia.

Sobre as casas, havia algumas de tijolos no piso e outras na cerâmica, mas as que

me chamaram atenção foram as feitas do barro (adobe); o chão não tinha piso, era na terra. Enfim, casas simples, porém todas bem organizadas.

Sobre as hortas no fundo do quintal, eram uma perfeição, tudo bem verdinho. Segundo elas, tudo plantado sem agrotóxicos, tudo natural, coisa que está cada dia mais difícil de se ver. Abordo esse ponto pensando nos grandes agricultores que só pensam em lucrar, sem pensar nos danos causados à terra e a própria saúde dos consumidores dos produtos.

Enquanto aplicava os questionários, ouvi por várias vezes a frase, " levanto junto com as galinhas e só vou dormir depois delas" ou seja elas levantam bem cedinho e dormem tarde. Também observei que aquelas mulheres estão sempre ocupadas, seja com coisas de casa ou mesmo com os produtos que vendem. Percebe-se que tais mulheres têm uma rotina marcada por diversas atividades. São esposas, mãe, trabalham fora e dentro de casa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração as evidências aqui mostradas, fica nítido que o município pesquisado está acompanhando o cenário nacional com relação a trabalhadores(a) no trabalho informal. Segundo Karl Marx e Paul Singer, esses postos de trabalho nascem devido à precarização do trabalho formal. Ao precarizar o trabalho formal surge os desempregados que para sobreviver vão para a informalidade.

É importante salientar que a busca do capitalista será, invariavelmente, pelo lucro e acumulação, e o aumento dessa acumulação gerada pelo trabalhador implica, necessariamente, no agravamento de suas condições, em outras palavras, a acumulação de capital é proporcional à acumulação da miséria.

Este cenário atual no mercado de trabalho em Santa Rosa do Tocantins é o oposto ao proposto pela Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, um documento com recomendações para governos, instituições, empresas e indivíduos agir em prol da prosperidade do planeta. De acordo com a Agenda 2030, especialmente no objetivo 8, que é “Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente, para todos”, alcançar esses resultados perpassa por mudanças no mundo do trabalho e nas relações socioeconômicas. Para se gerar emprego decente, que inclua a todos e todas, são necessárias alternativas às práticas destrutivas do capitalismo. Uma sociedade mais justa e mais sustentável só é possível se houver transformação.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R. **As formas contemporâneas de trabalho e a desconstrução dos direitos sociais**. In: SILVA, M^a O da S e, YASBECK, C. Políticas públicas de trabalho e renda no Brasil contemporâneo.
- ANTUNES, R. **Proletariado em tempos de pandemia**, documentário por Tarso de Melo de abril de 2020.
- CERQUEIRA, Eder da Silva. SILVA, Alex, Pizzio. **Nuances e interfaces da informalidade na cidade de Palmas: subsídios à compreensão da relação capital/ trabalho no capitalismo contemporâneo**. 2012. 123f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Palmas, 2012.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas,2002.
- HUNT, E. K. **História do pensamento econômico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
- IBGE. **Mercado de trabalho informal**. Disponível em: <https://painel.ibge.gov.br/pnadc/> Acesso em 07 nov 2022.
- HUNT, E. K. **História do pensamento econômico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
- MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- MATSUO, M. **Trabalho informal e desemprego; desigualdade sociais**, Programa de pós-graduação em sociologia, curso de filosofia e ciências humanas, Universidade de são Paulo, 2009.
- MACÊDO, D.V.C. **Algumas considerações sobre o trabalho e sua precarização no contexto capitalista**, mestranda em serviço social, na faculdade de serviço social, Universidade do estado do Rio de Janeiro, 2018.
- QUEIROZ, Danielle Teixeira Queiroz; SOUZA, Ângela Maria Alves; VIEIRA, Neiva Francenely Cunha. **Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações**.Revista de Enfermagem: UERJ, Rio de Janeiro, 2007 abr/jun; 15(2):276-83.
- SMITH, A. **Riqueza das nações**. Nova Cultural, 1988.
- TRASFORMANDO Nosso Mundo: **A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável** traduzido pelo centro de informação das Nações Unidas para o Brasil (UNIC Rio) ultima edição em 25 de setembro de 2015. <http://sustainabledevelopment.un.org>
- THEODORO, Luiz Guilherme, SCORZAFAVE, Naércio Aquino Menezes. **Participação feminina no mercado de trabalho brasileiro: evolução e determinantes**. Pesquisa e Planejamento Econômico: Rio de Janeiro, v. 31, n. 3, 2011.
- SINGER, Paul. **Globalização e desemprego diagnóstico e alternativas**. São Paulo ,1999.

ANEXO A- QUESTIONÁRIO

Questionário:

1 – Idade:

- Menos de 45
anos De 45 a
48 anos
 De 49 a 52
anos De 53 a
56 anos Mais
de 56 anos

2 – Qual sua
cor?

Branca

Negr

a

Pard

a

Amarela

3 – Onde você
reside? Em

Santa Rosa

Fazenda (própria)

Fazenda (como
trabalhador)

Assentamento

4 – Com quem você
reside? Com

companheiro (a)

Com companheiro (a) e

filhos Sozinha

Nenhuma das opções anteriores

5 – Você estudou até:

Ensino Fundamental
incompleto Ensino

Fundamental completo

Ensino Médio

incompleto Ensino

Médio completo

não estudou

6 – Você recebe algum auxílio ou benefício social?

Sim, recebo "Auxílio Brasil"

Sim, recebo "Programa de Aquisição de
Alimentos" Sim, recebo outro auxílio/benefício

Não

7 – Está trabalhando na informalidade a quanto tempo?

Até 6 meses

Entre 6 meses e 1

ano Entre 1 ano e 2

anos

Mais de 2 anos

8 – Está na informalidade por opção ou falta de oportunidade de trabalho formal (com carteira registrada, contrato assinado)

Por opção

Por falta de oportunidade de trabalho formal

9 - O que você vende?

10 – Sobre seus produtos:

Apenas produzo

Apenas vendo para o consumidor

Produzo e vendo para o consumidor

11 – Onde você vende seus produtos?

Na feira

Nas ruas

De porta em porta

12 – Se recebesse uma proposta de trabalho formal para receber R \$1.212,00. Você aceitaria? ()

Sim

Não

13 – Você sabia que o trabalhador informal no Brasil não tem direitos trabalhistas como aposentadoria, licença maternidade, seguro desemprego, FGTS, férias remuneradas, 13º salário, abono salarial e outros?

Sim

Não